

# O QUE É UM ALGUÉM\*

Rui Tavares

«Um alguém» (ou *arguem*, por vezes) é a expressão que se utiliza no crioulo de Cabo Verde e da Guiné-Bissau quando se quer dizer «uma pessoa». Além desse uso, «um alguém» serve para substituir o pronome «se» de uma forma análoga à do inglês *one* ou do espanhol *uno*. Num caso em que a expressão portuguesa «quando se pensa» pudesse ser traduzida pela espanhola *cuando uno piensa* ou a inglesa *when one thinks*, a frase correspondente em crioulo poderia transcrever-se *kando um arguem ta pensa*. Aqueloutra pessoa é *outr'alguem* (ou *out'arguem*) e assim sucessivamente.

A primeira vez que ouvi esta expressão fiquei instantaneamente encantado. E de cada vez que medito nela acontece qualquer coisa mais: vão-se descolando várias camadas de significados, como se fossem fibras de plantas ou frutos. Ou vejo as suas possibilidades acumularem-se como se fossem extractos num rochedo. «Um alguém» é ao mesmo tempo neutral e íntimo. Dizer que aquela pessoa é «um alguém» é entender, admitir, que ela é alguém como nós. Uma palavra nova, ou uma palavra antiga a que damos nova vida, é um pouco como uma substância acabada de descobrir. A pouco e pouco lhe vamos descobrindo cada vez mais aplicações possíveis. Em primeiro lugar, apercebemo-nos de que «um alguém» admite mais espaço para a abundância interna a cada consciência individual. É-nos impossível ser exactamente como outrem; entrar na sua consciência; partilhar da experiência de «ser-se a si mesmo» de outro alguém. Mas meditar sobre «um alguém» permite-nos considerar melhor a esse alguém, na abundância da sua experiência individual, porque nos obriga a compará-lo connosco mesmos. Nós somos um alguém e sabemos que é por isso que condensamos, em cada um, toda a abundância do mundo. Manhãs, insectos, sonhos, dores de dentes – é inesgotável tudo aquilo que experimentamos e, logo, somos. Se chamássemos ao outro «um alguém» deveríamos ao menos notar que ele ou ela ou eu é assim – cada consciência com o universo todo dentro dela. Quando se apaga um alguém é como se se apagassem uma lâmpada que alumia sozinha tudo o resto. Parece que estavam erradas aquelas teorias antigas que supunham que era dos nossos olhos – e não do Sol – que partiam os raios que iluminavam os objectos. Mas tinham razão inteira numa coisa: de cada vez que perdemos um alguém perdemos tudo.

Nada é tão importante como manter cada alguém em vida. Logo depois, a segunda coisa mais importante é manter cada um desses *alguém* em dignidade e conforto. A razão é que, como notou Primo Levi em *Se Isto é um Homem*, depois de ultrapassada uma certa linha de indignidade se consegue fazer que as pessoas deixem de parecer humanas. Aí começamos a correr todos os riscos do mal:

*Vós que viveis seguros  
Nas vossas mornas casas,  
Vós que encontráis voltando à noitinha  
A refeição aquecida e rostos amigos:  
Considerai se isto é um homem  
Que trabalha na lama  
Que não conhece paz  
Que luta por meia broa  
Que morre por um sim ou por um não*

Há umas semanas visitei Carlos Nô no seu estúdio. Todos os quadros da série que então finalizava eram dedicados à forma mais estúpida e inaceitável de desaparecimento de um alguém. Quando humanos se organizam – e fazem-no todos os dias, em todo o mundo – para fazer desaparecer outros humanos.

Nas paredes iam sendo sucessivamente colocados os rostos depurados de pessoas desaparecidas que nos olhavam de frente a partir da tela. Emergiam de um claro-escuro de apenas dois tons. Os contornos das manchas eram rigorosamente demarcados; alguns rostos inscreviam-se neles com um olhar de pássaro, perscrutador. Talvez fosse incómodo meu: eles pareciam sondar-me. Noutros rostos, para alívio meu, um pequeno gesto quebrava aquela indagação do olhar: pareciam resignados. Seria eu tão egoísta que desejasse esquecer-los? Quis afastar esse pensamento; noutros quadros os rostos começavam a ser cobertos por uma camada branca, quase opaca. Era aflitiva aquela ideia, claustrofobicamente sentida mais do que pensada, de que alguém ali pudesse alguma vez ser esquecido. Mas é bom notar que para esquecer é preciso ter alguma vez lembrado; e isso, ao menos, alguém estava ali fazendo.

Carlos tratava-os pelo nome: Muhammed, Glenda, Andreas. Lembrei-me de que ele passa ali horas sozinho com eles. Desenha-lhes os lábios, as sobrancelhas, os olhos. Os olhos.

Perguntei-lhe se em nenhum momento se questionava sobre a relação de intimidade que assim estabelecia com estas pessoas. Disse-me que sim. Que enquanto pintava e, mais ainda, quando se sentava ao fim da tarde, olhava para os rostos e se perguntava que pensariam os seus donos, cada um deles, disto tudo – que estivesse ali um indivíduo que eles nunca conheceram, dia após dia, a pintar os seus rostos.

A certa altura referi-me a algumas destas pessoas usando o passado. O Carlos corrigiu-me: não sabemos se estão mortos, muitos deles estarão certamente vivos. Alguns deles serão algum dia resgatados, tão breve quanto possível. Alegrámo-nos pensando como seria bom poder um dia oferecer-lhes uma imagem que havia tentado, em tempos, evitar-lhes um segundo desaparecimento. Porque se é verdade que quando perdemos um alguém perdemos tudo, é também verdade que se conseguimos salvar outro alguém ganhamos mais um universo inteiro.

*Considerai se isto é uma mulher  
Sem cabelos e sem nome  
Sem forças para recordar  
Vazios os olhos e frio o colo  
Como uma rã no inverno  
Meditai que isto ocorreu:  
Ordeno-vos estas palavras.»*

[Primo Levi, *Se Isto É Um Homem*]

## NOTAS

\* Este texto faz parte de um volume de ensaios do autor, *Pobre e Mal Agradecido*, a publicar este ano pela editora Tinta-da-China.